

Em casa

Ninguém foge à lei da reencarnação.

*

Ontem, atraioámos a confiança de um companheiro, induzindo-o à derrocada moral.

Hoje, guardamo-lo na condição do parente difícil, que nos pede sacrificio incessante.

*

Ontem, abandonámos a jovem que nos amava, inclinando-a ao mergulho na lagoa do vício.

Hoje, temo-la de volta por filha incompreensiva, necessitada do nosso amor.

*

Ontem, colocámos o orgulho e a vaidade no peito de um irmão que nos seguia os exemplos menos felizes.

Hoje, partilhamos com ele, à feição de esposo despótico ou de filho-problema, o cálice amargo da redenção.

*

Ontem, esquecemos compromissos veneráveis, arrastando alguém ao suicídio.

Hoje, reencontramos esse mesmo alguém na pessoa de um filhinho, portador de moléstia irreversível, tutelando-lhe, à custa de lágrimas, o trabalho de reajuste.

*

Ontem, abandonámos a companheira inexperiente, à míngua de todo auxílio, situando-a nas garras da delinquência.

Hoje, achamo-la ao nosso lado, na presença da esposa conturbada e doente, a exigir-nos a permanência no curso infatigável da tolerância.

*

Ontem, dilacerámos a alma sensível de pais afetuosos e devotados, sangrando-lhes o espírito, a punhaladas de ingratidão.

Hoje, moramos no espinheiro, em forma de lar, carregando fardos de angústia, a fim de aprender a plantar carinho e fidelidade.

À frente de toda dificuldade e de toda prova, abençoa sempre e faz o melhor que possas.

Ajuda aos que te partilham a experiência, ora pelos que te perseguem, sorri para os que te ferem e desculpa todos aqueles que te injuriam...

A humildade é chave de nossa libertação.
 E, sejam quais sejam os teus obstáculos na
 família, é preciso reconhecer que toda construção
 moral do Reino de Deus, perante o mundo, começa
 nos alicerces invisíveis da luta em casa.

EMMANUEL



Provação materna

Gritava a nobre anciã, em rede morna e lague:
 — Bate, meu filho!... Zurze o chicote a preceito!...
 Um servo é igual ao boi que nasceu para o eito...
 E o filho, Dom Muniz, deixava o servo em sangue.

Dos salões da fazenda ao derradeiro mangue,
 Esculpira a fidalga um carrasco perfeito.
 Mas vem a morte, um dia, e leva o filho eleito,
 A matrona pranteia e larga o corpo exangue...

No Além, cai Dom Muniz em abismos de prova!...
 Aflita, a pobre mãe pede a Deus vida nova,
 Quer guardá-lo, outra vez, numa estrada sem brilho...

Hoje, mulher sem lar, definha, a pouco e pouco,
 E, aos duros repelões de um jovem cego e louco,
 Roga, em pranto de amor: «Não me batas, meu filho!...»

VALENTIM MAGALHÃES